Um desenho de pesquisa para a análise de movimentos sociais contemporâneos[1]

Andrea Brandão Lapa
Isabel Colucci Coelho
Vinicius F. C. Ramos
Fábio Malini

Introdução

As sociedades contemporâneas têm assistido hoje a uma desestabilização das antigas formas de controle e poder. As tecnologias de informação e comunicação (TIC), em especial o ativismo político, mantido e catalisado pela redes sociais da Internet, têm demonstrado uma potencialidade de subverter estruturas de poder instituídas e apontar alternativas para a transformação social. As últimas mobilizações que ocorreram em escala planetária fizeram amplo uso das redes sociais em seus protestos e indicam uma vitalidade política que merece ser investigada (para citar algumas: Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, Indignados 15M, Jornadas de Junho no Brasil, *Umbrella Revolution*).

Mais do que a tomada das redes sociais pelos movimentos ativistas, observou-se a urbanização dos movimentos sociais, que nos últimos 20 anos no Brasil teve atores predominantemente rurais, como o movimento de trabalhadores sem-terra, os quilombolas, os indígenas. Houve a retomada da luta pelo direito à cidade onde o que está em jogo é a democracia urbana como expressão da democracia social e política (VAINER, 2014). Essa mescla de ações políticas nas ruas e nas redes configura um distinto espaço público democrático, quando há pouco tempo o discurso predominante lamuriava a falência ou esvaziamento da política.

[1] Este trabalho foi a base de um artigo apresentado no 4º Congresso Íbero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ 2015) e no 6º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação (SIMEDUC 2015), realizado em Aracajú, Brasil, sob o título de "Fatores e circunstâncias para o empoderamento do sujeito nas redes sociais: um desenho de pesquisa".

No debate sobre o declínio do civismo e da cultura política, de um lado estão os discursos que acusam a Internet de banir a vida civil (quanto mais tempo as pessoas passam em frente às telas, menos se engajam em relações sociais face a face necessárias para a participação civil significativa), e de outro lado estão os discursos otimistas que defendem que a Internet, por si, pode promover uma cidadania mais inclusiva e participatória (especialmente entre minorias excluídas).

Todavia, para engajar novamente os jovens na política e na vida civil será preciso encontrar novos meios de comunicação que transcendam os limites da política tradicional e, também, valorizar a dimensão política dos seus interesses cotidianos (BANAJI; BUCKINGHAM, 2013). Porque talvez haja novas formas de política e cultura cívica em desenvolvimento que envolvem modos mais informais de participação e ação coletiva, que estão sendo desconsiderados nas tentativas de compreensão da ação política na atualidade.

A pergunta-chave que se coloca agora é se essa vitalidade política nas redes sociais poderia também indicar elementos necessários para o empoderamento dos cidadãos. Este artigo visa apresentar um desenho de pesquisa para a análise qualitativa de movimentos ativistas nas redes sociais da Internet, para identificar fatores e circunstâncias relevantes nos espaços sociais virtuais da Internet para a formação crítica.

Os sujeitos no contexto da cultura digital

As Tecnologias de Informação e Comunicação são apontadas como propulsoras de uma nova revolução, cuja característica principal seria o relativo grau de sua penetração em todos os domínios da atividade humana (CASTELLS, 2003). Comparada às revoluções tecnológicas anteriores, a alta penetração da TIC não trata apenas de uma revolução técnica, mas sim cultural, pois "o exercício das mais diversas atividades humanas está alterado pela transversalidade com que se produz a cultura digital" (PRETTO; ASSIS, 2008). Outra novidade seria a tensão gerada nas formas de exercer a cidadania no mundo orientado pelo consumo que

alteram a relação entre público e privado, deslocam o modo de fazer política e reformulam a clássica definição socioespacial em outra complementada pela sua dimensão sociocomunicacional (CANCLINI, 1999).

As novas possibilidades comunicacionais difundidas por esses meios são capazes de promover o reagenciamento da mensagem pelos receptores. Isto é, dada a oportunidade de navegação livre e de autoria suportada pela comunicação bidirecional e em rede, essas mídias (mesmo adequadas e utilizadas para reforçar a exploração e controle sociais) possibilitam aumentar tanto o poder dos cidadãos quanto a autonomia dos cidadãos (FORTUNATI, 2014).

Porém, segue incerto como poderia o mesmo instrumento criado para a dominação vir a ser utilizado como meio de libertação. Provavelmente a resposta será encontrada no fator imponderável da relação: o ser humano. Na sua capacidade de subverter a função da tecnologia no sentido contrário de sua produtividade programada (MACHADO, 2002), fazendo um outro uso, não planejado, para atender seus objetivos humanos e sociais, que configurariam a possibilidade de uma outra globalização (SANTOS, 2000). Para essa tarefa, seria importante retomar a questão da relação entre tecnologia e cultura na atualidade, especialmente sobre o seu papel na política e na vida cotidiana, compartilhando a preocupação acerca da necessidade da consciência de condições restritivas (não neutras) dadas pelos meios técnicos (KELLNER, 1989; FEENBERG, 2002; RÜDIGER, 2011).

Por este motivo, a potencialidade dos indivíduos assumirem esse controle de suas vidas e suas ações é um importante ponto de partida deste trabalho. Interessa especialmente como a convivência em um mundo irrefutavelmente permeado e mediado pelas TIC tem criado novos padrões de relacionamento e novas formas de estar no mundo, o que diz diretamente das possibilidades, ou não, de inclusão dos indivíduos na sociedade contemporânea. Mas, trata-se de uma inclusão que transcende a concepção comum e simplista de ter acesso ao recurso e à conexão em rede, e inclui o que se define como ser sujeito na cultura digital.

O sujeito é aquele indivíduo capaz de subjetivar sua vivência, instituir sentidos, elaborar conceitos, ideias, juízos e teorias. O in-

divíduo (o singular) só vai encontrar fundamento para a sua força de criação e luta por libertação na sua formação em sujeito, que é capaz de agir conscientemente (utilizando a razão como força crítica) e que, ao dominar sua obra, adquire valores que o penetram. A realização plena deste indivíduo como sujeito, contudo, só se realiza dentro da sua relação tríade (aparentemente antagônica, porém complementar) com as duas outras dimensões da sua essência: a biológica e a social (MORIN, 2001; LAPA, 2005).

Isto é, são indivíduos sociais dotados de uma cultura, que assumem o duplo papel de produto e produtor da sociedade em que vivem. Touraine (1994, 1997) destaca que a constituição do sujeito em ator social é um princípio democrático. Significa ter vontade de atuar no mundo mais do que permitir ser determinado por ele, onde sua liberdade será construída na alteridade, na sua relação com o outro, que deve unir seus dois universos: o universal e o particular (GADEA; SCHERER-WARREN, 2005).

Todavia, mais do que atuar, a questão está na potencialidade de sua autoria na produção do mundo que almeja. Nessa direção, Mendes Junior (2010) faz referência ao sujeito-autor como aquele que produz, compõe, cria deliberadamente, construindo um contraponto ao discurso hegemônico, diferente daquele que a grande mídia expressa. Mendes Junior defende o "sujeito-arquiautor", que seria aquele que transcende essas dimensões e rasura a condição de autor e de obra, considerando que seus pequenos gestos produzem efeitos nos cotidianos pessoais, mas não de forma orientada contra a voz hegemônica. Mais do que uma contra racionalidade, seria o surgimento de uma outra racionalidade sem esta referência. Esse sujeito não tem características, gestos ou posicionamentos que o definam, sendo mais uma força que rompe com o gesto previsível, pré-fabricado, e se torna a possibilidade fugidia porém libertária do escape. Isto e, não aparece como alguém que se pode apontar no mundo, mas como um devir-arquiautor em cada um de nós (DIAS, 2010).

A busca de um sujeito fortalecido, apto e desejoso da ação para a transformação parece encontrar maiores desafios no mundo contemporâneo da imersão das TIC, porque a sua condição de sujeito ecoa o que Jameson (1984) descreveu como alienação deslocada

pela fragmentação do sujeito (HARVEY, 1993). Por essa razão, para encontrar meios de escapar da fragmentação caótica e da cacofonia que agrupa, mas não dá conta de formar comunidades de solidariedade e ação, torna-se relevante reconhecer a potencialidade apontada pelos usos que alguns movimentos ativistas fizeram das redes sociais como espaços públicos de ação política. Tal apropriação das TIC aponta a revitalização do sujeito-arquiautor, e reconhecer fatores e circunstâncias que propiciaram sua existência e expressão são conhecimentos necessários para uma prática que almeja a formação crítica de sujeitos para a emancipação.

Um desafio apontado por Morin (2001) para a educação do século XXI, trata de encarar os problemas clássicos da nossa cultura colocados de maneira renovada, amplificada e agravada, quais sejam: 1) formar para a organização de conhecimentos e não sua acumulação; 2) ensinar a condição humana; 3) aprender a viver; 4) refazer uma escola de cidadania.

Educação no contexto da cultura digital

O novo contexto da cultura digital desloca as relações de poder constituídas (CASTELLS, 2003). Mas além dessa possibilidade, de desestabilizar a capacidade que alguns grupos da sociedade possuem de influenciar, dominar e comandar a vontade e as escolhas de outros grupos, os usos atuais das redes sociais também demonstraram promover o empoderamento de cidadãos. Fortunati (2014) destaca que esse processo se caracteriza pela oportunidade na qual os destituídos de poder se fortalecem e ganham domínio sobre seus assuntos pessoais, isto é, quando adquirem a capacidade para acessar informações e recursos, ganham a habilidade de articular suas próprias histórias, influenciam os problemas políticos que lhes dizem respeito, ampliam a confiança e a autonomia para fazer escolhas livres e significativas, traduzindo-as em ações e resultados que afetam suas vidas e da comunidade em que vivem.

A educação joga um importante papel no empoderamento do cidadão. Por um lado há os limites colocados por um sistema de ensino engessado, que determina os conteúdos das escolas em parâ-

metros curriculares nacionais, padroniza processos a partir da estandardização de avaliações tanto da aprendizagem como do ensino, fato que não pode ter uma abordagem romântica. Por outro lado, há visões mais otimistas que reconhecem que esse controle e reprodução de uma sociedade pouco justa e igualitária não acontece sem resistência, e que, de fato, existem muitas ações educativas emancipadoras que acontecem nas brechas dessa estrutura com intenção hegemônica. Portanto, há aí uma possibilidade dada por professores que são sujeitos e assumem seu papel como intelectuais orgânicos, que transmitem valores opostos aos da competição, que desestabilizam seus estudantes para além das liberdades individuais e os assentam dentro das implicações sociais que desafiam a sua existência em um mundo compartilhado.

Obviamente essas ações não ocorrem sem conflito. Há muito tempo, Arendt (s.d.) já alertou que a educação não poderia dar origem a um novo projeto de ordem social, posto que tem como função principal apresentar o mundo velho ao indivíduo que é novo, em um processo contínuo entre gerações. Por isso defende que o melhor que a educação pode fazer pela ação política é formar jovens aptos a encontrarem seu lugar no mundo, para nele *começarem algo*.

Mas a escola pode promover a aptidão à leitura crítica do mundo sem definir de antemão o projeto de futuro, este sim a cargo da nova geração. Poderia reconhecer o futuro em processo, que depende desses novos sujeitos como autores de suas próprias histórias. Seria uma educação distinta da realizada pelo sistema de ensino atual, com ou sem TIC.

Talvez por essa razão Illich (1971) tenha proposto a "desescolarização da sociedade". Ou que Nóvoa (2014) tenha estendido o conceito ao defender a "cidade educadora", ou o espaço público da educação, onde muitas instituições e lugares assumem, com a escola, a sua responsabilidade na educação. Nessa perspectiva, de derrubar os muros da escola e reconhecer os diversos espaços formativos do sujeito na atualidade, legitimam-se as práticas comunicacionais das redes sociais como espaços férteis para a formação crítica de sujeitos.

Também, estas ações inovadoras e emancipadoras acontecem

à revelia da formação que estes professores recebem, que continua orientada pelo sentido instrumental e conteudista do sistema de ensino tradicional. Nóvoa defende, portanto, uma revolução na formação de professores para que superem a situação frágil e deficiente que se encontram, que está baseada em: a) uma organização mais aberta e diversificada de espaços e tempos escolares; b) um currículo centrado na aprendizagem dos alunos e não no ensino de conhecimentos e competências; e c) uma pedagogia fortemente colaborativa, que utilize as redes como dispositivo de comunicação e aprendizagem (NÓVOA, 2014).

De modo que uma investigação que procure identificar fatores e circunstâncias para o empoderamento de sujeitos tem como objetivo contribuir para a formação de professores e educadores que visem a uma educação emancipadora, dentro ou fora da escola. E, consequentemente, para fortalecer e ampliar os espaços de possibilidade de formação crítica de sujeitos para a ação política no mundo contemporâneo.

Desenho da pesquisa

A perspectiva de abordagem da internet como lugar de pesquisa se dá a partir de seu entendimento como um artefato cultural, e não como uma cultura (HINE, 2000; FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). Observa-se a inserção da tecnologia na vida cotidiana, que leva em conta a integração dos âmbitos *online* e *offline*. A rede é entendida como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte.

Esta pesquisa desenvolve uma análise qualitativa mesmo quando lança mão de tratamentos quantitativos de dados em etapas prévias. O artigo apresenta o desenho de pesquisa criado para a investigação de movimentos ativistas nas redes sociais como espaços educativos não formais, uma etapa que visa a realizar o estudo de casos que apresentam a tal vitalidade política descrita anteriormente para identificar fatores e circunstâncias que a promoveram. É realizada em duas etapas: na observação e análise de alguns movimentos ativistas nas redes sociais da Internet e em entrevistas com membros desses movimentos.

Os dados são analisados a partir de categorias mistas (predeterminadas oriundas de revisão da literatura e outras encontradas no processo de análise), que são chamadas de Fatores e Circunstâncias. As entrevistas abertas e semiestruturadas (não apresentadas aqui) são realizadas posteriormente com membros-chave identificados na observação das redes sociais com o *software Gephi* (Autoridades e *Hubs*), com a intenção de complementar essa observação, especialmente com aspectos da ação *off-line* não presente na observação das ações nas redes sociais virtuais.

Um dos grandes desafios desta pesquisa é a análise, posto o volume, a variedade e a velocidade com que os dados são produzidos nas redes sociais. Através de parceria com o Laboratório de Estudos Sobre Imagem e Cibercultura, da Universidade Federal do Espírito Santo (LABIC/UFES), e a adaptação ao contexto e objetivos desta pesquisa do Método Perspectivista de Análise de Redes (MPAR) desenvolvido por eles (MALINI, *et al*, 2015), foi possível captar a dinâmica e as relações que se formam entre nós/sujeitos (individuais e coletivos), a formação de comunidades, e até mesmo destacar as mensagens trocadas entre eles.

Embora seja um tratamento automatizado e quantitativo, os grafos resultantes permitem uma análise qualitativa, que comumente tem sido chamada de cartografia das controvérsias das redes sociais. A possibilidade de captar esta dinâmica, as relações que se formam entre nós/sujeitos (individuais e coletivos), a formação de comunidades, chega ao nível de destacar as mensagens/posts trocados entre eles, ainda em uma quantidade não manipulável sem o auxílio de soluções tecnológicas. Desse modo as postagens trocadas foram manipuladas em etapas sucessivas de extração, mineração, processamento e visualização de grandes volumes de dados em uma modelização própria elaborada para esta investigação da ação política de um determinado movimento ativista nas redes sociais.

A partir do referencial teórico desta pesquisa, a ação política de sujeitos arquiautores só poderia surgir em contextos dialógicos e interativos de agir comunicativo, dados em espaços híbridos *on-line/off-line* que se configurassem como esferas públicas contemporâneas. Portanto, algumas categorias analíticas (predetermina-

das) foram selecionadas em etapa anterior de revisão da literatura para orientar a identificação de fatores e circunstâncias promotores desses processos sociais em espaços de possibilidade de sua ocorrência. Com esse objetivo, a etapa seguinte de tratamento de dados viabilizou o resgate de trocas discursivas a partir de postagens potenciais, para uma posterior análise qualitativa dos conteúdos desse diálogo.

A seguir são sintetizadas algumas categorias analíticas selecionadas para a análise e seus indicadores para o tratamento de dados. Salienta-se que a análise é aberta e conjuga essas categorias predeterminadas a outras oriundas da pesquisa, em uma análise mista.

Tabela 1
Categorias Analíticas – Circunstâncias

CIRCUNSTÂNCIAS Caracteriza um fato ou uma situação, conjuntura ou contexto. Situação auxiliar ou detalhe complementar que define um acontecimento.		
Categoria Analítica	Conceito	Indicadores
Estrutura Descentralizada	Coordenação e deliberação podem acontecer a distância, sem liderança formal, nem organização vertical. Participantes frouxamente conectados por seus objetivos e valores comuns. Quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento (CASTELLS). Redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a mídia, com a blogosfera da internet, com a sociedade em geral. Redes de redes (SHERER WARREN).	. Não haver centro de controle ou comando (várias autoridades ao invés de um líder ou uma única voz de discurso); . Objetivo que não é informar e/ou instruir; . Rede interativa e autoconfigurável; . Participação difusa, sem direcionamento padronizado; . Conexões por pontos de interesse comum, sem estruturas formais; . O nó da rede que reflete a rede, não como fragmento (holograma X mosaico).

Categoria Analítica	Conceito	Indicadores
Autocomunicação de Massa	Baseia-se em redes horizontais de comunicação interativa, multimodal. Processa mensagens de muitos para muitos, com multiplicidade de receptores e número infindável de redes pela vizinhança ou pelo mundo. Produção da mensagem decidida de modo autônomo pelo remetente, designação auto direcionada do receptor; e recuperação de mensagens das redes de comunicação auto selecionada. Permite a referência a um hipertexto global de informações cujos componentes podem ser remixados pelo ator que comunica segundo projetos de comunicação específicos. (CASTELLS).	. Redes horizontais de comunicação estrutura rizossômica (não de árvore); . Comunicação multimodal (muitos-muitos, sem vetorização); . Autoria (remixagem e produção de conteúdo novo).
Esfera Pública	A esfera pública é um espaço de livre acesso, onde as pessoas podem debater e desenvolver argumentos sobre questões da vida comum, recuperando o poder do debate público, pelo diálogo, pelo entendimento, pelo consenso discursivo. Espaço comunicativo onde acontece a negociação das pessoas por um consenso acerca da vida em comum (que pode ser acessado por todos, de trocas comunicativas não coercitivas que visam um entendimento comum). (HABERMAS)	. Acesso livre e público; . Trocas comunicativas não coercitivas; . Interação pelo diálogo.

Categoria Analítica	Conceito	Indicadores
Espaço de Aparência/ Midiápolis	Espaço predomínio público onde os homens fazem explicitamente seu aparecimento, uns aos outros, como seres atuantes visíveis e audíveis, em relação pelo discurso. Desvelamento do agente no ato. (ARENDT). A aparência mediada, a visibilidade do outro, o estrangeiro, a capacidade de diálogo e manifestação de discórdia, a presença de pontos de vista alternativos, de discursos conflitantes e concorrentes, de histórias, imagens e performances. (SILVERSTONE, 2007).	. Recurso de comunicação bidirecional; . Desvelamento dos sujeitos (revelação pessoal pelo próprio discurso); . Presença de pontos de vista alternativos.
Espaço Híbrido (Rede + Rua)	Redes sociais *online* e *off-line*. Base dos movimentos no espaço urbano mas existência contínua pelo espaço livre da internet. Interação do espaço de fluxos da internet com o espaço dos lugares ocupados visados em protestos. Híbrido de cibernética e espaço urbano que constitui um terceiro espaço, de autonomia. (CASTELLS). Ecologia complexa que agrega dispositivos de conectividade, cidades, corpos e informações digitais (Big data), por meio de diferentes tipos de atores e de interações. Sem distinção entre mundo 'real' e mundo 'virtual' (DI FELICI).	. Manifestação nas redes sociais e nas ruas; . Presença, nas redes sociais, de conteúdos de referencias espaciais *off-line*.

Fonte: Desenvolvida por Andrea Lapa, Isabel Coelho, Simone Schwertl, Andreson Lopes.

Tabela 2
Categorias Analíticas – Fatores

FATORES Qualquer elemento que contribua para a obtenção de um resultado. Quem realiza alguma coisa.		
Categoria Analítica	Conceito	Indicadores
Pluralidade	Constitui o público. Acolhimento da singularidade dos sujeitos em condições de igualdade. Tem duplo aspecto: *Igualdade* – todos somos iguais *Distinção* - a unicidade de cada pessoa revelada pelo discurso e pela ação. (ARENDT).	. Espaço compartilhado de troca de ideias (igualdade) (seres atuantes visíveis e audíveis); . Diversidade de perspectivas no debate (distinção); . Acolhimento no grupo (e apoio de autoridades) de perspectivas diversas que são incluídas no debate.
Agir Comunicativo	Não há um objetivo a ser alcançado, senão o de um acordo entre os sujeitos participantes da ação. Todos aqueles envolvidos no diálogo são considerados habilitados para interferir no curso do processo que se trava. Eles estão dispostos a atingir esse objetivos mediados pela definição da situação e da escolha dos fins assumindo o papel de falantes e ouvintes, através de processos de entendimento. A linguagem não é utilizada como meio para transmissão de informações (agir estratégico), mas como fonte de integração social (agir comunicativo). (HABERMAS).	. Motivação para o entendimento; . Linguagem utilizada como fonte de integração social (busca de diálogo, troca – para gerar o debate que leva ao acordo); . Troca argumentativa entre as mensagens publicadas; . Busca de construção de um sentido comum, não apenas exposições individuais.

Categoria Analítica	Conceito	Indicadores
Imprevisibilidade da Ação	Não saber, de antemão, qual será o resultado do diálogo, o produto da discussão. O resultado da ação, se inicia e se estabelece assim que passa o instante fugaz do ato. O pleno significado do caráter e do conteúdo da história subsequente pode se revelar apenas quando a ação termina. (ARENDT).	. Não haver condução estratégica do diálogo. . Não haver objetivo pré-definido, apenas o de chegar a um consenso.
Mundo Comum	Mundo da vida compartilhado. Os atores participantes tentam definir cooperativamente os seus planos de ação, levando em conta uns aos outros, no horizonte de um mundo da vida compartilhado e na base de interpretações comuns da situação. (HABERMAS). A maioria das pessoas ingressa no movimento com seus próprios objetivos e motivações, vindo a descobrir denominadores comuns na prática do próprio movimento.	. Sentimento de inclusão no grupo; . Transferência da visão individual para a coletiva.
Caráter Processual	Democracia é o horizonte possível, o que interessa é o caminhar. A continuidade é o ponto de partida e a fonte do acesso ao poder. (CASTELLS).	. valorização do processo e não do produto (os fins não justificam os meios).

Categoria Analítica	Conceito	Indicadores
Compartilhamento da Emoção	Big Bang do movimento social em rede. Existência de um processo de comunicação que propague os eventos e as emoções a eles associadas. Formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propelido pelo entusiasmo e motivado pela esperança. (CASTELLS).	. Comunicação que apela às emoções; . Compartilhar revolta, medo; . União pela indignação.
Companheirismo e Confiança	Faculdade dos seres humanos de viverem juntos e compartilhar sua vida com a natureza. Juntas, as pessoas superam o medo e descobrem a esperança. Sem a confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência. Sentimento de "juntos conseguiremos". Companheirismo não é comunidade porque esta implica numa série de valores comuns, isso é uma obra em progresso no movimento. (CASTELLS).	. Apoio no grupo; . Solidariedade em fatos e eventos expostos.

Fonte: Desenvolvida por Andrea Lapa, Isabel Coelho, Simone Schwertl, Andreson Lopes.

A seguir, apresenta-se o desenho de pesquisa oriundo deste trabalho, com o detalhamento da seleção do caso (Seção A), do processo de coleta de dados (Seção B), do tratamento dos dados, que compreende os processos de mineração, processamento e visualização (Seção C) e dos processos de análise de dados (Seção D).

A. Seleção de Caso

A primeira etapa do trabalho de investigação é a identificação e seleção de casos. Com o objetivo de encontrar usos de espaços virtuais onde há vitalidade política, buscou-se casos de apropriação das redes sociais por movimentos ativistas que demonstrassem a participação ativa de sujeitos nas ações políticas do grupo. A identificação dos casos pode vir do levantamento de hashtags mais utilizadas em um período, de coletivos ativistas, das manifestações nas ruas, de estudos prévios, da indicação de especialistas ou outra fonte disponível.

Identificados alguns casos, seria necessário classificá-los para efetuar uma seleção criteriosa de um caso de estudo. A seleção requer uma observação das interações destes grupos para a classificação destes segundo atributos escolhidos, que priorizados por critérios pré-estabelecidos no desenho de pesquisa, permite o recorte do caso a ser estudado.

Para esta tarefa, um método para a observação de grupos e/ou movimentos sociais foi desenvolvido em parceria com os pesquisadores Stefano Renzi, Jane Klobas e Michel Menou. O grupo, inspirado por um trabalho que analisou os programas de participação popular em Milão (BEARZATTO, *et al*, 2013), organizou um modelo para a classificação de movimentos sociais, sintetizado na Tabela 3.

Tabela 3
Classificação dos movimentos sociais

Nome	Código e Significado
Origem	a = administração, governo c = cidadão, indivíduo o = ONG, entidade a+c = conjunta (cidadão e governo) n = não identificado
Objetivos	P = planejamento A = ação/implementação Po = protesto, manifesto
Envolvimento	I = informação C = consulta A = apoio, curtir, retweetar D = debate, troca de ideias Co = busca de consenso M = mobilização, propósito de atuar no mundo real
Escala	G = global P = país Z = região C = município Q = bairro L = lugar específico - praça, estádio
Uso da Web	Y = sim N = não

Plataforma	S = website FB = Facebook T = Twitter V = Canal de video (como Youtube, Vimeo) B = Blog I = Canal de imagens (como Instagram, FlicR O = Outro
Relação Rua/Web	R>W = rua que se expande para a web W>R = web que se expande para a rua W = só web R = só rua
Fonte	D = documento P = perspectiva do pesquisador S = perspectiva do sujeito entrevistado O = observação do site

Fonte: Desenvolvida por: Andrea Lapa, Stefano Renzi, Jane Klobas e Michel Menou

Para a seleção de casos, definiu-se como prioridade as seguintes características dos movimentos nas redes sociais: (1) níveis de participação (A, D, Co e M); (2) uso da tecnologia (plataformas de maior interação e diálogo: FB e T); (3) relação rua/web (R>W e W>R).

B. Coleta de dados

Foi usado o *software* YourTwapperKeeper para a coleta de dados no Twitter. O YourTwapperKeeper está baseado no código PHP e é usado para a extração de dados do Twitter a partir de palavras-chave e *hashtags*. O *software* armazena os dados em arquivos de texto (formato CSV). Por exemplo, para capturar postagens a partir de *hashtags* como #brazil, o *software* vai capturar todos os *post/tweets* que contém "#brazil" e armazená-los em um arquivo CSV. É importante salientar que o *software* só consegue capturar *tweets* que são postados durante o período de extrações, de maneira síncrona, isto é, não permite a extração de dados em datas passadas.

Para cada extração de *tweet*, uma nova linha é incluída no arquivo CSV na base de dados (*dataset*). Ao final, o arquivo CSV é o *dataset* a ser trabalhado nas etapas posteriores. Ele é composto dos seguintes campos: UserID (a identificação do usuário que postou o *tweet*); Time (a data e a hora em que o *tweet* foi postado); Tweet Text

(o conteúdo de texto do *tweet*); Geolocation (a localização geográfica do usuário se ele concordou em enviar); Image (se o *tweet* tem alguma imagem, ela é armazenada pela URL que a localiza na *web*).

Depois da fase de extração, o *dataset* é processado e são criados cinco arquivos distintos: 1.000 *topwords* (palavras mais mencionadas), 1.000 *tophashtags* (*hashtags* mais mencionadas), três arquivos que contêm uma amostra de *tweets*, de aproximadamente 500 *tweets* (ou 25% do *dataset*), distribuídos temporalmente em começo, meio e fim. A próxima seção mostra em detalhes o uso feito desses arquivos na pesquisa.

C. Tratamento de dados

Essa fase é a mais desafiadora do projeto já que demanda o trabalho com milhares de dados. Para melhor explicar o processo, o tratamento de dados será dividido em três passos: (1) Mineração de dados por Espaços de Possibilidade; (2) Mineração de dados por Fatores e Circunstâncias; e (3) Compilação dos diálogos.

C1. Mineração de dados por Espaços de Possibilidade

Primeira Etapa: Identificação de categorias.

Definição dos termos e palavras que identificam espaços de possibilidade, seleção e separação dos principais temas polêmicos, que podem ter gerado diálogo, conflito e debate. Ou seja, *posts* que detonam processos, espaços onde haveria a possibilidade de encontrar a ação política emancipadora e com ela os fatores e circunstâncias que a promoveram.

Tratamento de dados:

a) leitura manual dos *tweets* da amostra, das *topwords* e *tophashtags* e identificação de categorias, que são os espaços de possibilidade de existência dos processos sociais buscados (ex: diálogo, integração, confluência on-line/off-line etc.);
b) discussão e alinhamento entre os pesquisadores dos temas e definição das categorias para a etapa seguinte de automatização do processo.

PRODUTO: Biblioteca de Termos e Palavras com legenda de categorias (palavras-chave) e descrição do significado de cada categoria.

Segunda Etapa: Mineração por espaços potenciais

A partir da legenda de categorias, elaboração de *script* para a filtragem de todo o *dataset* segundo as categorias de espaços de possibilidade definidas na Biblioteca de Termos e Palavras.

Tratamento de dados:

a) adaptação, teste e aplicação do método desenvolvido pelo Labic para processamento do *dataset*;
b) filtragem de todo o *dataset* pelas categorias (Biblioteca de Termos e Palavras).

PRODUTO: interface gráfica com os *posts* destacados, aninhados por categorias (espaços de possibilidade).

C2. Mineração de dados por Fatores e Circunstâncias

Primeira Etapa: Identificação de categorias

Categorias predeterminadas trazidas da revisão da literatura (Fatores e Circunstâncias).

Segunda Etapa: Mineração pelos processos.

Identificar onde ocorreu o processo que buscamos dentro dos espaços de possibilidade. Os processos são as categorias analíticas (predeterminadas pela teoria e outras encontradas nesta análise) que estão apresentadas na Tabela de Fatores e Circunstâncias (ex: pluralidade, autocomunicação de massa, agir comunicativo etc.). O objetivo dessa etapa é identificar nos espaços de possibilidade alguns *posts* potenciais onde houve a categoria analítica para trazer as sequências de diálogo que ele gerou.

Tratamento de dados:

a) elaborar indicadores e métricas para identificar o processo nos espaços de possibilidade. Técnica semelhante à criação da Biblioteca de Termos e Palavras da etapa anterior e detalhada a partir da Tabela de Fatores e Circunstâncias.
b) desenvolver um *script* para minerar os *posts* segundo a métrica que está definida na tabela, nos casos em que pode ser automatizado, e separá-los por essas categorias.

PRODUTO: interface gráfica com os *posts* destacados, aninhados por categorias (Fatores e Circunstâncias).

C3. Compilação dos diálogos

Identificar *posts* potenciais dentro das subcategorias Fatores e Circunstâncias e trazer o rastro de comentários desse *post*. *Posts* potenciais seriam as mensagens que apontam um diálogo não hierárquico, com aparência de sujeitos, negociação de pontos de vista diferentes, isto é, a partir do fragmento do *post* selecionado, trazer os outros *posts* que foram gerados a partir dele, como menção, RT ou resposta.

utilização de *script* para trazer a sequência dos discursos que se a partir do *post* potencial, selecionado dentro das categorias Fatores e Circunstâncias.

PRODUTO: arquivo com todas as mensagens e a sequência de todos os diálogos gerados pelos *posts* selecionados, separados por categoria de Fatores e Circunstâncias.

D. Análise de dados

Análise de conteúdo dos diálogos. A partir do resgate dos diálogos, identificar o quê, no espaço de possibilidade e na ocorrência do Fator e Circunstância, permitiu e promoveu a existência de um sujeito arqui-autor (os indicadores para a formação crítica). Categorizar e descrever os Fatores e Circunstâncias encontrados.

Tratamento de dados:

a) Análise de conteúdo dos diálogos (exploratória). (Ferramenta WebQDA)

PRODUTO: guia prévio de fatores e circunstâncias, para: formação de professores e educadores, aplicação na outra dimensão de pesquisa do projeto (ensino formal), outra etapa dessa dimensão (entrevistas).

Considerações finais

Este trabalho se insere nos esforços investigativos de pesquisadores do campo da Educação que buscam possibilidades para a

formação crítica do sujeito na cultura digital. No debate sobre o declínio da cultura política, as redes sociais da Internet são compreendidas como espaços de possibilidade que apresentam uma revitalização política. Isto é, há um certo ativismo político na interação que acontece nas redes sociais virtuais que pode ter um papel modesto, porém relevante, como pré-condição para a cidadania na cultura digital onde as relações democráticas em esferas públicas são promovidas, também, por novas formas de participação *on-line*.

O conhecimento de fatores e circunstâncias que podem promover a existência e o empoderamento de sujeitos é demanda de uma educação emancipadora do século XXI. O sujeito, aquele que produz, compõe, cria deliberadamente e que, além disso, rasura sua condição de autor e de obra, é um devir no mundo contemporâneo. Apesar da educação jogar um importante papel nesse cenário, professores e educadores carecem de referências para promover sua formação crítica na cultura digital. A pesquisa apresentada neste artigo visa a contribuir nessa direção. Trata do desenvolvimento de um instrumento para a investigação de movimentos ativistas que permite identificar fatores e circunstâncias para a ação política de sujeitos nas redes sociais.

No desenho de pesquisa criado foram apresentadas estratégias para a seleção de casos, a coleta e o tratamento de dados, e a análise qualitativa. Os critérios de seleção de casos foram organizados em um modelo de classificação dos movimentos ativistas, onde foram priorizados os níveis de participação, o uso interativo das TIC e a relação *on-line/off-line*. Para a extração e o tratamento de dados foi apresentada a modelização que adaptou ao contexto desta pesquisa o Método Perspectivista de Análise de Redes.

Nas etapas de mineração de grande quantidade de dados destaca-se a definição de categorias de análise em duas etapas: por Espaços de Possibilidade (através da criação de uma biblioteca de termos e palavras por amostragem) e por Fatores e Circunstâncias (categorias predeterminadas provenientes de etapa prévia de revisão da literatura). A mineração, também em duas etapas, resultou em um refinamento dos dados em duas dimensões: pelo contexto e pelo processo social existente nele. Dessa maneira foi possível o resgate das trocas discursivas para a etapa final de análise de conteúdo.

O objetivo da pesquisa é orientar professores e educadores em suas práticas, dentro e fora da escola. O resultado final de uma investigação realizada com este instrumento servirá para a elaboração de guias para a formação de professores, com o referencial de fatores e circunstâncias para a formação crítica de sujeitos na cultura digital.

São referências que visam a esclarecer educadores sobre como utilizar as redes sociais como espaços de empoderamento de sujeitos. Quais circunstâncias e fatores promovem, por exemplo, um espaço de aparência onde sujeitos arquiautores fazem escolhas livres e significativas que articulam as próprias histórias traduzindo-as em ação política. Quais processos as redes sociais não conseguem viabilizar e demandam da integração com os espaços físicos da cidade e como os grupos ativistas (que apontaram alguma vitalidade política) fizeram essa articulação. Que tipo de diálogo acolhe a pluralidade e quais ações promovem ou inibem a troca de ideias e a negociação das diferenças. Como, e se, essas ações são suficientes para configurar uma esfera pública e desencadear uma ação coletiva de grupo que influencie os problemas políticos que os afetam no mundo que compartilham e na comunidade em que vivem.

É importante salientar que essa etapa da pesquisa (análise de movimentos sociais) está articulada à outra dimensão que trata de intervenções pedagógicas em espaços educativos concretos. A aplicação prática e experimentação dessas referências em diferentes contextos, ensino formal e não formal, e níveis (fundamental, médio e superior) complementa esta pesquisa na elaboração dos referidos guias.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **The human condition**. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1998.

_____. **A crise na educação**. Gestão Escolar, [s.d]. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em: 28 out. 2014.

BANAJI, S.; BUCKINGHAM, D. **The civic web:** young people, the Internet and civic participation. MIT Press, Cambridge, MA, USA, 2013. ISBN 9780262019644.

BEARZATTO, *et al*. **Gruppo di lavoro partecipazione**: documento di restituzione e proposta al comune di Milano, 2013.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede:** a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DIAS, J. Apresentação. In: MENDES JUNIOR; W. L. **O sujeito-arquiautor**: conflitos do discurso urbano e midiático. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

FEENBERG, A. **Transforming technology:** a critical theory revisited. New York: Oxford University Press, 2002. 218p.

FORTUNATI, L. Media Between power and empowerment: can we resolve this dilema? **The Information Society**, 30: 169-183, 2014.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina: 2012.

GADEA, C. A.; SCHERER-WARREN, I. A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos**. Revista Sociologia Política**, Curitiba, 25, p. 39-45, nov. 2005.

HABERMAS, J. **Postmetaphysical Thinking: Philosofical Essays**. MIT Press, 1994.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

ILLICH, I. **Deschooling Society**. New York: Harper and Row, 1971.

JAMESON, F. The politics of theory: ideological positions in the post-modern debate. **New German Critique**, n. 33, 1984, p. 53-65.

KELLNER, D. **Critical theory, marxism and modernity**. Cambridge: Polity/John Hopkins University Press, 1989.

LAPA, A. B. **A Formação crítica do sujeito na educação a distância**: a contribuição de uma análise socioespacial. 2005. 302 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

MACHADO, A. Arte e mídia: aproximações e distinções. **Galáxia**, n. 4, 2002, p. 19-32.

MALINI, F.; CALMON, P.; MEDEIROS, J.; MALINI, M. Multiple points of view in #VemPraRua ReTweets: the perspectival method of network analysis. **Conference Twitter for Research**, Lyon, 22 - 23 April 2015.

MENDES JUNIOR; W. L. **O sujeito-arquiautor:** conflitos do discurso urbano e midiático. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MORIN, E. **O desafio do século XXI:** religar os conhecimentos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

NÓVOA, A. **Nada será como antes**. Revista Pátio-Ensino Fundamental: O futuro da sala de aula (Entrevista), n. 72. Porto Alegre: Ed. Artmed, novembro 2014. Disponível em: http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/10938/nada-sera-como-antes.aspx Acesso em: 10 jan. 2015.

PRETTO, N.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N.; SIL-

VEIRA, S. A. (Org.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 81.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVERSTONE, R. **Media and Morality on the rose of the Mediapolis.** Cambridge: Polity Press, 2007.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. ¿Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.

VAINER, C. **Rio promove 'limpeza urbana' e será mais desigual em 2016**. Entrevista publicada em VioMundo, em 30 de janeiro de 2014. Disponível em: http://www.viomundo.com.br/denuncias/carlos-vainer-com-pretexto-dos-megaeventos-rio-promove-limpeza-urbana-e-sera-cidade-mais-desigual-em-2016.html Acesso em: 10 jan. 2015.